

O discurso populista nas redes de Lula: uma análise das publicações durante os 580 dias de cárcere

The populist discourse in Lula's social media: an analysis of the publications during his 580 days in prison

Resumo:

A presença do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva no cárcere desafiou a comunicação política contemporânea: a manutenção de uma figura pública, com o objetivo de evitar o enfraquecimento de suas características, naquele momento privada de atuação no campo político. Foi o que aconteceu com Lula, de abril de 2018 a novembro de 2019, quando esteve preso na Polícia Federal, em Curitiba. Ao longo de 580 dias, sua assessoria manteve ativas suas contas no Facebook, Twitter e Instagram, o que permitiu que Lula estivesse presente nas discussões políticas do país. Aqui estudamos o emprego do discurso populista de Lula em duas dessas redes para analisar as estratégias de comunicação e discurso, sob o ponto de vista de possíveis alterações discursivas em função da posição ocupada outrora e durante a prisão. O lulismo também aparece nesta análise como força populista

associada à figura de Lula, que, por vezes, serve de instrumento para a manutenção de traços característicos do fenômeno investigado.

Palavras-chave: Populismo; redes; Lula; discurso.

Abstract:

Former president Luiz Inácio Lula da Silva's imprisonment challenged contemporary political communication: the goal was to prevent the weakening of a public figure, at that time deprived of political action. This was the case with Lula, from April 2018 to November 2019, while he was imprisoned at the Federal Police facilities in Curitiba. Over 580 days, his advisors kept his Facebook, Twitter and Instagram accounts active, allowing Lula to be present in the country's political discussions. We will discuss the use of Lula's populist discourse in two of these networks in order to analyse the communication and discourse strategies, addressing any potential changes in his

Maria Clara Aquino Bittencourt¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

aquino.mariaclara@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8230-5921>

Anderson dos Santos Guerreiro²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

001@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2968-4181>

https://doi.org/10.14195/2183-6019_12_6

discourse at the time he was in power to when he was incarcerated. Lulism is also brought into the discussion as a populist figure associated to Lula, which sometimes serves as an instrument for maintaining the characteristic traits of the phenomenon under analysis.

Keywords: Populism; networks; Lula; discourse.

¹ Maria Clara Aquino Bittencourt é pesquisadora e docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Pós-Doutora em Ciências da Comunicação, Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação. Coordenadora do Laboratório de Investigação do Cibercontencimento.

² Anderson dos Santos Guerreiro é jornalista e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Pós-Doutora em Ciências da Comunicação.

Introdução

O pernambucano Luiz Inácio Lula da Silva foi, ainda criança, para São Paulo com sua família, de origem pobre. Foi na região do ABC Paulista (Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul) que Lula tornou-se metalúrgico e, na sequência, sindicalista. Sua liderança começou a se consolidar a partir de grandes greves de metalúrgicos da região, ainda nos anos 1970, durante a ditadura militar. Em 1980, nasce o Partido dos Trabalhadores, sob forte influência de Lula. Em 1986, ele é eleito deputado federal por São Paulo, tornando-se um constituinte. Em 1989, perdeu para Fernando Collor de Mello, no segundo turno, a eleição presidencial, a primeira com voto direto depois da ditadura. Em 1994 e 1998, as derrotas foram para Fernando Henrique Cardoso, ambas no primeiro turno. O triunfo de Lula e do PT só ocorreu em 2002, quando venceu José Serra no segundo turno. O mesmo ocorreu contra Geraldo Alckmin, em 2006. Em 2010 e 2014, viu sua sucessora, Dilma Rousseff, eleita e reeleita presidente do país, deposta, em 2016, após um processo

de *impeachment* que suscita muitas dúvidas acerca de sua motivação.

A trajetória de Luiz Inácio Lula da Silva na política é resultado de uma combinação de fatores (Anderson, 2011) que reúne características pessoais, como o carisma e a sensibilidade para lidar com as pessoas, com a insurgência sindicalista que contribuiu para o surgimento do Partido dos Trabalhadores, veículo responsável por sua ascensão. A aprovação de Lula, ao final do último mandato, coloca-o, segundo Anderson (2011), na situação de ser mais popular no final do que no início de um período longo no poder, o que é bastante raro sob condições democráticas.

Mas o início do primeiro mandato não foi como o anunciado na campanha, diante das dificuldades econômicas enfrentadas principalmente pela dívida pública deixada por seu antecessor. O programa Fome Zero foi logo aplacado pelo Bolsa Família, que acabou capitaneando a marca que o governo Lula deixou através deste e de outros programas sociais que implementou ao longo dos dois mandatos. A atuação internacional de Lula também foi um dos destaques

positivos do seu governo, atuando em questões relacionadas ao aquecimento global, ao Mercosul e ao BRICS, o que contribuiu para o aumento de sua popularidade no país e no exterior. Em 2005, o escândalo do mensalão foi um choque que abalou o governo, gerando, além de uma ampla repercussão na imprensa, a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Congresso Nacional. O PT, ali, começava a ter sua imagem abalada e figuras como José Dirceu e José Genofino, militantes históricos do partido, viram-se diante de acusações de corrupção. Ainda assim, Lula chegou ao segundo mandato, impulsionado pelo sucesso da economia, melhoria da qualidade de vida e com os votos de um eleitorado composto, em grande medida, de idosos e pobres que começavam a ascender socialmente, porém agora sem o apoio de parte da classe média que o havia apoiado em 2002.

Lula deixou a presidência com índice de aprovação acima de 80%, em 2010. No entanto, a partir de 2014, com o início da Operação Lava Jato a partir do chamado Petrolão, o PT logo começou a ser alvo de uma série de

denúncias feitas, principalmente, pela Força Tarefa do Ministério Público Federal de Curitiba, no Paraná, onde o caso teve início. Não demorou para que a figura de Lula, especificamente, fosse alvo de denúncias. Elas vieram em cascata, sendo as duas primeiras em relação a Lula ter supostamente obtido vantagens de uma empreiteira para a reforma de um apartamento tríplice no Guarujá, São Paulo; da mesma forma, em um sítio, em Atibaia, São Paulo.

Num momento de tensão, em 16 de março de 2016, o Palácio do Planalto anunciou que Lula seria o novo ministro da Casa Civil no governo da, na época, presidenta Dilma Rousseff. No dia 17 de março, o juiz federal Itagiba Catta Preta Neto, da 4ª Vara do Distrito Federal suspendeu, por meio de liminar, a posse de Lula como Chefe da Casa Civil, pois entendeu que a nomeação ocorreu para interferir no Poder Judiciário, já que Lula estava sendo investigado na Operação Lava Jato e a nomeação lhe daria a possibilidade de foro privilegiado no STF. O ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal, confirmou a decisão e cassou a nomeação

de Lula como Chefe da Casa Civil por entender como desvio de finalidade a nomeação do ex-presidente para o cargo de ministro. No dia 12 de julho de 2017, o juiz federal de primeira instância, e hoje ex-ministro da justiça de Bolsonaro, Sérgio Moro, condenou Lula a nove anos e seis meses de prisão pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro na ação penal envolvendo um triplex no Guarujá. Em segunda instância, a pena foi aumentada para 12 anos e um mês. Em abril de 2019, a 5ª Turma do STJ (Superior Tribunal de Justiça) manteve a condenação e reduziu a pena para 8 anos e 10 meses de prisão.

Foi a condenação em segunda instância, ocorrida no Tribunal Regional Federal da 4ª região, em Porto Alegre, em 24 de janeiro de 2018, e a posterior decisão do Supremo Tribunal Federal, em 4 de abril de 2018, confirmando que réus poderiam ser presos a partir da condenação em segunda instância, que colocaram Lula na prisão. Ele ficou preso 17 meses, entre abril de 2018 e novembro de 2019. No dia 8 de novembro de 2019, um dia após o Supremo Tribunal

Federal concluir a votação sobre as ADC (Ações Diretas de Constitucionalidade) referentes à execução da pena após condenação em segunda instância, o ex-presidente deixou a prisão. No entanto, mesmo durante os 580 dias de cárcere, Lula sempre esteve presente nas discussões políticas do país e parte significativa dessa presença se deve à construção e manutenção da sua figura através de sites de redes sociais, mais precisamente perfis no *Twitter* e *Instagram*¹.

A observação desses conteúdos revelou uma diversidade de abordagens de fatos históricos da vida política do ex-presidente, o que nos levou a questionar como o populismo de seu discurso e das suas ações foi empregado na produção das diversas mensagens publicadas nessas redes, mesmo durante o período de sua prisão. Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar como as características do discurso populista de Lula foram articuladas nas suas redes, durante o período da

¹ No início de novembro de 2019, aquando da sua libertação, o ex-presidente tinha 1,2 milhão de seguidores no Twitter e 1,6 milhão no Instagram. Em 2 de maio de 2020, esses números eram de 1,7 milhão e 1,9 milhão, respectivamente.

prisão, para a manutenção de sua figura pública e para evitar o enfraquecimento das características dessa imagem, naquele momento privada da liberdade e com atuação limitada no campo político. Empregamos uma coleta das publicações realizada nas duas redes mencionadas durante dos 580 dias em que Lula esteve preso e nos detivemos nas publicações do *Twitter* e do *Instagram*, diante da ampla quantidade de dados. No *Twitter* foram 5.560 posts entre o dia da prisão e o da soltura; no *Instagram*, 2.280 publicações no período.

Através do método de análise do discurso (Orlandi, 2001; Benetti, 2016), nos debruçamos sobre a camada discursiva dos conteúdos para identificar como as estratégias de comunicação e discurso de um ex-presidente (nove anos fora do cargo), então preso, foram empregados. Assim, estruturamos o texto partindo de uma discussão conceitual sobre populismo para em seguida situarmos o lulismo, como movimento originado na figura do ex-presidente, consolidada como elemento populista. Posteriormente, faremos uma incursão empírica em um conjunto de dados coletados de projeto

de pesquisa já em andamento, com o objetivo de extrair características de uma comunicação populista das redes de Lula. Por fim, discutiremos os achados dessa incursão, mostrando através de quais elementos o populismo do ex-presidente Lula se manteve em voga apesar da sua prisão.

Populismo: conceitos históricos e configurações recentes

O apelo direto do populismo às pessoas perpassa diferentes matizes ideológicas e temporais. Não há consenso conceitual sobre o termo, frequentemente utilizado para tratar de fenômenos diversos, sendo associado a partidos políticos, ideologias, movimentos, discursos e figuras políticas.

Hoje, porém, o populismo deixou de ser uma aberração terceiro-mundista para se tornar fenômeno saliente na política democrática, tanto de esquerda como de direita, nos Estados Unidos e Europa (Gerbaudo, 2018; Brown, 2019). Com efeito, para Laclau (2005), o populismo não

é definível por um tipo específico de conteúdo ideológico (esquerda ou direita) ou posição (avançada ou atrasada) numa escala de desenvolvimento democrático. (Cesarino, 2020, p. 98)

Em uma tentativa de organizar uma definição conceitual a partir de outras referências, Hermet (2003) situa o povo como elemento central; a relação que se estabelece diretamente entre a massa e o líder. O populismo, quando tratado pelo autor como um fenômeno, surge, muitas vezes, porém, nem sempre, em momentos de crise de representatividade institucional. O carisma de um líder que representa demandas e articula no discurso a representatividade que o povo não enxerga em outros representantes ou instituições molda as bases dessa relação entre massa e líder.

Outro autor que se dedica a pensar teoricamente o populismo é Laclau (2006). Partindo do princípio de que seria uma operação política e ideológica, um ato performativo capaz de permitir a construção de significados relevantes, Laclau (2006) trabalha o conceito a partir da ideia de que

o populismo pode ser uma forma de construção de identidade social. Sua teoria das demandas sociais se baseia na ampla variedade de antagonismos que a estrutura social oferece. Essas demandas, quando não atendidas, vão se acumulando e, na medida em que sejam democráticas, vão entrando em contato umas com as outras e se transformando em demandas populares. Para ele, a base do populismo se dá quando grupos demandantes se configuram a partir das exclusões sociais geradas pelo próprio sistema. Da articulação populista é possível a ocorrência de uma identidade popular, que surge das insatisfações e assim possibilita a articulação das identificações e identidades, muitas vezes se colocando como um herói ou paladino das mudanças. O denominador comum é aquele que coloca as diferenças entre elas. Muitas vezes pode ser um líder, carismático ou não, outras pode ser um movimento, como explica Gerbaudo (2017), ao apontar a emergência de uma identidade popular na figura de um povo comum, a partir dos movimentos iniciados na Primavera Árabe em 2011, e posteriormente no Brasil, com as Jornadas de Junho, em 2013.

Mouffe (2019) situa o populismo num espaço igualmente amplo, em abordagem semelhante à de Laclau (2006). Vivemos em um “momento populista”, que ela define como uma “emergência de múltiplas resistências contra um sistema político-econômico que é cada vez mais percebido como sendo controlado por elites privilegiadas surdas às demandas de outros grupos da sociedade” (Mouffe, 2019, p. 40). Pensemos, então, na prudência de enquadrar determinadas atitudes e movimentos políticos no rótulo de populista. Se aqui entendemos, a partir de Marques e Mendes (2006), que Lula é um político populista e se Bolsonaro e Trump são também assim classificados, precisamos adentrar na forma, no conteúdo, naquilo que é expresso pelos agentes políticos para tentarmos diferenciá-los. Embora neste artigo tenhamos conceitos e apropriações de populismo como possíveis de abarcar a amplitude das ações que o configuram, não deixamos de lado, como propriamente pontuam Laclau e Mouffe, o caráter amplo do termo populismo. O economista Thomas Piketty defende, em seu livro *Capital e ideologia* (2020), que o termo populista é utilizado, em muitos casos, como

Partimos da ideia que o populismo pode abarcar movimentos ideológicos distintos e que sua compreensão será possível a partir de uma imersão ao âmago das práticas que o caracterizam

forma simplicadora, uma espécie de rótulo colado em alguém para situações em que não se quer avançar no debate sobre as pautas propriamente. Por isso, entende que é necessário se concentrar nas questões de conteúdo, pois a ampla noção de populismo, da forma como vem sendo adotada nos últimos anos, poderia configurar, na sua visão, seu possível esgotamento (Piketty, 2020).

Ao estabelecer uma diferenciação entre populismo (ismos) e populista, Puhle (2019) deixa para o populismo os movimentos e regimes caracterizados por programas, objetivos e aspirações específicos, e para os adjetivos os elementos, estilos, instrumentos e técnicas relacionados a uma retórica e a um modo específicos de comunicação que podem servir como veículos de qualquer política, da extrema-esquerda à extrema-direita. Dessa forma, é das relações entre os envolvidos que o populismo se constitui como fenômeno, tendo assim a discursividade e a linguagem um papel fundamental. Carvalho e Cervi (2018, p. 89) avaliam a dimensão discursiva do populismo enquanto fenômeno político em uma análise de como a lógica da comunicação online em rede

potencializa características populistas das interações públicas e políticas representativas. Para Laclau (2006), a dimensão discursiva também marca o populismo como forma transitória de construção política. Carvalho e Cervi (2018, p. 90) recuperam a argumentação do autor sobre o populismo supostamente utilizado como simples retórica, argumentando que “quando perde a consistência pela ausência da ideologia, tornando-se apenas mero discurso retórico, o populismo passa a ser compreendido como efêmero, superficial e temporário”. Nesse sentido, para Laclau (2006), o populismo é uma opção de construção política enquanto estilo retórico, que quando operado por uma liderança carismática, que alega vir de fora do sistema, é capaz de acionar demandas e grupos não contemplados, permitindo assim a geração de equivalências entre esses grupos. Cesarino (2020, p. 99) explica a construção dessa equivalência através da mobilização de “significantes vazios ou flutuantes” que frequentemente envolvem “noções vagas de nação, ordem, segurança e mudança”. A performatividade desse discurso populista, ela explica, é o que permite

a promoção da equivalência entre uma ampla gama de particularidades.

Se no Brasil o populismo foi inaugurado por Getúlio Vargas, segundo Marques e Mendes (2006), sua reprodução, com mais ou menos adaptações, pode ser verificada em governos subsequentes, com destaque para Lula e, mais recentemente, Jair Bolsonaro, representante do populismo de direita (Puhle, 2019). Mudde (2019) discute a direita radical populista e aponta a radicalização de atitudes desse viés ideológico que são também identificadas no *mainstream* político. No populismo de direita, se estabelece uma promessa de que a soberania popular, entendida como “soberania nacional”, estará de volta e que a democracia será restituída a serviços considerados verdadeiramente nacionais (Mouffe, 2019). Já no populismo de esquerda, pontua a autora, há um sistema que busca confluir demandas democráticas para o mesmo centro e estabelecer a diferenciação entre o “nós” e o “eles”, tomando o “eles” como as classes mais altas. Em uma aproximação com teorias de Laclau e

Mouffe, Cesarino (2020) coloca em evidência como as performatividades das identidades políticas, tanto individuais quanto coletivas, possuem relação com as subjetividades que emergem dos perfis em redes sociais. No âmbito do populismo, ela explica que essa performatividade se torna tão explícita que é possível verificar as táticas discursivas utilizadas para a constituição de uma identidade comum entre o povo e o líder através do aparato midiático que este líder utiliza. É o caso estudado neste artigo, através do qual buscamos evidenciar como os elementos populistas do discurso de Lula foram mantidos durante sua prisão através das estratégias discursivas empregadas nas suas redes.

Partimos, então, de uma ideia de que o populismo pode abarcar movimentos ideológicos distintos e que sua compreensão será possível a partir de uma imersão ao âmago das práticas que o caracterizam em determinados contextos. É o que prega Mouffe (2019, p. 30) ao dizer que “enquanto há semelhanças de família entre vários populismos, eles correspondem a conjunturas específicas que

precisam ser apreendidas de acordo com os seus diversos contextos”. O populismo, para ela, é compatível com diferentes estruturas ideológicas e institucionais e os elementos tempo e lugar são relevantes para compreender o que ela define na atualidade como “momento populista”. A ascensão de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, em 2016, o Brexit², principalmente entre 2019 e 2020, e a vitória de Jair Bolsonaro, no Brasil, em 2018, além de diversas outras vitórias eleitorais em disputas aos parlamentos em vários países - de grupos e figuras que não apenas não veem problemas em serem taxados como populistas, como também reivindicam para si o rótulo -, nos coloca diante da definição de Mouffe (2019) para o “momento populista”.

Compreender a conjuntura atual é, também, não partir para uma redução que, por simplista demais, possa não nos permitir compreender os movimentos em suas estruturas mais elementares, capaz de definir os diferentes papéis nas suas

² A saída do Reino Unido da União Europeia, que teve seu desfecho em janeiro de 2020.

construções e perpetuações. É o caso, por exemplo, de qualificar como “extrema-direita” e/ou “neofascistas” partidos populistas de direita, conforme pontua Mouffe (2019), inferindo uma suposta falta de educação ao seu apelo central. Essa simplificação, prossegue a autora, coloca-se como uma fácil maneira de desqualificá-los, embora possa não reconhecer que a centro-esquerda também é responsável por sua emergência. Trazendo para a realidade brasileira, é como se ignorássemos, por completo, que a centro-esquerda também tem responsabilidade na ascensão do populismo de direita representado por Jair Bolsonaro nas eleições de 2018.

Nesta linha, trabalhamos com o populismo entendendo-o como um fenômeno que perpassa os pronunciamentos e discussões políticas, ocupando-nos das questões comunicacionais do mesmo. Adotado como estilo por uma determinada figura política e articulado, em produções específicas para sites de redes sociais. No próximo item, nos detemos no lulismo como um fenômeno relevante e sustentador do populismo de Lula.

A relação do lulismo com o populismo

Até aqui, trouxemos elementos mais gerais que podem caracterizar o populismo. Não elencamos, no entanto, muitos dos exemplos trazidos pelos autores para o debate, pois iremos nos ater ao caso de Lula em específico. A partir da figura de Lula, um movimento começou a tomar forma de maneira visível, uma espécie de legião de seguidores, formando o lulismo. Para Marques e Mendes (2006) e para Singer (2009), o lulismo funciona, no contexto brasileiro, como um processo centralizador das lutas de grandes massas de pessoas mais pobres que não constroem, por diversas razões, suas formas organizadas de representação, embora sejam majoritárias. É no período dos oito anos de presidência que o lulismo se consolida como uma entidade populista à esquerda, apoiada na massa mais pobre desorganizada (Singer, 2009).

O entendimento de André Singer não é unívoco, ainda que sua visão sobre Lula e o lulismo tenham aporte importante na sua experiência como Secretário de Imprensa na gestão do presidente. Rennó e Cabello (2010)

*A partir da
figura de Lula,
um movimento
começou a tomar
forma de maneira
visível, uma
espécie de legião
de seguidores, um
formando o lulismo*

acreditam que os eleitores de Lula, que formam a base do movimento lulista, são, na verdade, pessoas pouco informadas sobre política e desatentas a campanhas eleitorais, sem apresentar afinidades ou rejeições a partidos políticos - essa visão, de certo modo, nos soa deveras preconceituosa. Contudo, esse entendimento coloca os lulistas na mesma caixa dos não alinhados eleitores americanos, segundo os autores. São pessoas que possuem um voto retrospectivo, que avaliam o governante. O lulismo nos é especialmente importante neste artigo porque entendemos ser possível estabelecer uma conexão entre este movimento, ligado à figura de Lula, e ao que identificamos como movimentos populistas do ex-presidente. Embora fosse amplamente acusado de envolvimento em escândalos de corrupção, principalmente após o Mensalão, em 2005, Lula ainda assim venceu as eleições de 2006 com ampla margem de diferença no segundo turno (60,8% a 39,2%), conseguiu emplacar sua sucessora e manter índices altos nas pesquisas para as eleições de 2018. Especificamente sobre o triunfo da reeleição, em 2006, Singer (2009)

atribui esses resultados aos ganhos econômicos dos eleitores das regiões Norte e Nordeste, beneficiados com programas sociais, de modo que o direcionamento da campanha para esse tipo de programa constituiu uma das bases do método populista empregado para direcionar o foco para a figura do líder e não no partido, segundo Rennó e Cabello (2010).

A trajetória de Lula durante seus mandatos é ilustrativa de suas características como um líder populista. O lulismo, no entanto, é um fenômeno que se manifesta não só a partir das atitudes da figura política, mas principalmente através das manifestações de apoio de seu eleitorado. Nos resultados das urnas é que o lulismo é evidenciado, a partir de um descolamento do partido, que se transforma em uma identificação com a pessoa de Lula. A sua configuração enquanto um político populista, que portanto tem no populismo uma ideologia de governo, é também visível no momento em que houve, durante seu governo, diversas ações benéficas ao capital, à burguesia, tendo as classes populares um espaço subordinado em suas políticas (Paraizo, 2016). Sobre essa

questão, em específico, cabe discutir, rapidamente, o projeto de desenvolvimento que se colocava como alicerce dos governos Lula, pois:

Diversas políticas sociais e econômicas implementadas pelo governo em favor das classes populares se inter-relacionaram com os interesses políticos e econômicos das frações da burguesia brasileira que foram contempladas pelo projeto neodesenvolvimentista, sendo estas bem vistas por estes setores burgueses. Deste modo, buscar apoio nas classes populares desorganizadas e movidas por interesses difusos foi a estratégia encontrada para a atenuação dos conflitos desta frente, de maneira que logrou-se, assim, o estabelecimento de uma relação do tipo populista destes setores populares para com o governo Lula. (Paraizo, 2016, p. 88)

As formas de emergência do lulismo enquanto um novo movimento ideológico, centrado na figura de Lula e cujo nascimento se percebeu, com maior ênfase, nas eleições de 2006, a partir da transcendência dos votos

de Lula aos votos do PT (Singer, 2009), nos permitem colocarmos em planos semelhantes o populismo e o lulismo, o segundo, de certa forma, como a materialização do primeiro. Paraizo (2016) ainda ressalta que a estruturação de uma política populista está centrada, entre outros pontos, no apoio de setores populares desorganizados, que acabam tendo certos interesses atendidos pelo governo.

No item a seguir tentaremos demonstrar com exemplos a relação simbiótica que ainda se mantém entre o lulismo e o populismo, nos atendo ao período em que Lula esteve preso na sede da Polícia Federal, em Curitiba.

A constituição das redes de Lula

As práticas de diferentes atores no contexto das redes sociais tensionam o jornalismo. Oliveira e Henn (2014) vão abordar esse tensionamento ao tratar a perda de protagonismo do jornalismo diante da pluralidade de manifestações que emergem das redes digitais, em sites de redes sociais, por exemplo. Zago (2014) aprofunda a noção de (re) circulação ao mostrar como as pessoas

se apropriam das redes para reportar e comentar acontecimentos, reconfigurando as dinâmicas de circulação das notícias. No caso de Lula, como já dito, a manutenção de suas redes em atividade contribuiu para o jornalismo, que pode gerar pautas a partir das publicações que foram feitas e também para o debate nas redes acerca de sua imagem. Deste modo, uma pluralidade de sentidos pode emergir a partir do que foi publicado e (re)circulado, não apenas nos veículos jornalísticos, mas também nas redes digitais, em sites de redes sociais.

Com Lula impossibilitado de se comunicar diretamente com a grande massa que se constituiu como sua base de apoio ao longo das últimas décadas – e mais fortemente a partir de 2003 –, caberia à equipe do ex-presidente mantê-lo vivo no imaginário social brasileiro e não permitir que sua prisão entrasse para uma rotina aceitável. A presença de Lula nas redes durante a prisão funcionou para a manutenção mínima do lulismo enquanto via possível e cogitável perante a nação.

Logo após a prisão, os *posts* nas redes digitais de Lula tratavam de

apontar a considerada irregularidade da sua condenação e criticar figuras, organizações e processos que teriam, em maior ou menor escala, colaborado para o desfecho como tal do processo do triplex do Guarujá³, incluindo a sua alegada celeridade. Foi por este processo que Lula foi preso. Como muitas das publicações das redes de Lula eram apenas adaptadas para *Twitter* e *Instagram*, tendo, em geral, os mesmos objetos, não iremos adentrar neste artigo nas especificidades de cada uma, mas numa abordagem mais ampla.

Dado que Lula se consolidou como uma figura populista (Marques & Mendes, 2006), resta compreender como as raízes desse populismo poderiam não apodrecer e serem sepultadas completamente em razão do seu encarceramento. Ainda que diversas figuras políticas, do PT, de

3 Caso em que Lula foi acusado de receber um tríplex, em Guarujá/SP, em troca de favores à empreiteira OAS. A sentença de primeiro grau, de Sérgio Moro, condenando Lula, foi dada em 12 de julho de 2017, confirmada pelo TRF4, em Porto Alegre, em 24 de janeiro de 2018. Lula foi preso em 8 de abril de 2018, dois dias depois de o STF decidir pela validade da prisão após condenação em segunda instância.

outros partidos, nacionais e internacionais, tenham visitado Lula na sede da Polícia Federal em Curitiba, desde a primeira semana da prisão, e que a sua mensagem fosse minimamente ecoada através das vozes dessas pessoas, era através das redes que Lula falava mais diretamente.

Análise das publicações

Fizemos uma observação das publicações nas redes de Lula, focando no *Twitter* e no *Instagram*, durante os 580 dias em que esteve preso. A vasta quantidade de conteúdo logo de início nos mostrou a inviabilidade de realizarmos a análise de conteúdo que tínhamos a intenção de fazer. Foram 5.560 publicações no *Twitter*, totalizando média mensal de 308,8 e média diária de 9,58 tweets. No *Instagram*, foram 2.280 posts publicados, com média mensal de 126,6 e média diária de 3,93 posts. Os meses de maior atividade no *Twitter* foram agosto de 2018 (958) e setembro de 2018 (994), em função da campanha eleitoral.

Ao longo dos últimos meses em que Lula esteve preso, fizemos *prints* e salvamos itens que tinham mais

Figura 1. *Print* do perfil @lulaoficial, 2019, no Instagram.

Figura 2. *Print* do perfil @lulaoficial, 2019, no Instagram.



representatividade em padrões discursivos que considerávamos recorrentes, no âmbito da pesquisa que já vinha sendo desenvolvida. Posteriormente, retornamos aos perfis nos sites de redes sociais para refazer o mesmo movimento, (re) observando e fazendo anotações sobre os posts feitos em todos os meses da prisão. Seguimos, nesse sentido, a orientação de Benetti (2007, p. 115) partindo dos textos, “para o que lhe é anterior e exterior”. A partir de uma análise de discurso, com base em Orlandi (2001) e Benetti (2016), analisamos a camada discursiva das publicações, chegando a oito frentes e objetivos dos posts das redes de Lula durante 7 de abril de 2018 e 8 de novembro de 2019: 1. alegar enfaticamente a ilegalidade da prisão⁴; 2. criticar figuras citadas anteriormente (Moro, Dallagnol, TRF4, Globo, etc.) e colocá-las num palanque único de algozes⁵; 3. pautar

4 Post lembra dos 30 dias da prisão de Lula. Disponível em: <<https://twitter.com/LulaOficial/status/993487995062968322?s=20>>. Acesso em: 6 ago. 2020.

5 Em vídeo, Lula chama o procurador Delтан Dallagnol de chefe de quadrilha e o ex-juiz Sérgio Moro de bandido. Disponível em: <<https://twitter.com/LulaOficial/status/1174639380243320832?s=20>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

as eleições de 2018, inicialmente na defesa da sua própria candidatura e, depois, pedindo votos para Fernando Haddad⁶; 4. endossar publicações favoráveis, seja das mídias tradicionais, seja das alternativas, nacionais e internacionais⁷; 5. lembrar fatos dos governos Lula (2003-2010), principalmente programas sociais e na área da educação⁸; 6. estabelecer uma conexão factual noticiosa com assuntos publicados pelas mídias, colocando Lula no circuito comunicacional estabelecido, seja em pautas políticas e de governo⁹, seja em pautas fora deste circuito, como o

6 Lula pede votos para Haddad, a um dia das eleições. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BomGJIHhUj/>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

7 Publicação de artigo de Guilherme Boulos veiculado no site da revista Carta Capital. Disponível em: <<https://twitter.com/LulaOficial/status/1100057522566819845?s=20>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

8 Lula com camiseta da Universidade Federal do ABC durante sua inauguração, em 2007. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2SiH_YF40r/>. Acesso em 15 ago. 2020.

9 Lembrança de discurso de Lula na ONU, um dia antes da fala de Jair Bolsonaro na Assembleia Geral da organização. Disponível em: <<https://twitter.com/LulaOficial/status/1176141401538605057?s=20>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

10 Twitter de Lula publica uma foto sua no trono de ferro de Game of Thrones no dia do último episódio da série. Disponível em: <<https://twitter.com/LulaOficial/status/1130138130819035136/photo/1>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

entretenimento¹⁰; 7. lançar mão de vídeos e fotos do ex-presidente que pudessem estabelecer uma aproximação com o povo, principalmente os mais pobres¹¹; 8. ressaltar os apoios que se mantinham, internos e externos¹².

Não nos propomos enquadrar todos os posts das redes do ex-presidente, mas perceber os sentidos que mais emergem desses espaços durante a sua prisão, identificando traços do populismo e do lulismo nessas publicações. Há, no entanto, uma divisão evidente: se os quatro primeiros tópicos citados se referem ao Lula pós-presidência, ao ex-presidente condenado e preso e à sua luta por justiça, os demais se apoiam no antigo Lula, principalmente no presidente.

11 Lula fazendo exercícios físicos. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B0GYi6lIDC1/>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

12 Lula ressalta apoio de Angela Davis e Danny Glover. Disponível em: <<https://twitter.com/LulaOficial/status/992082672334852096?s=20>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

Remontar uma análise do presente a tempos econômicos áureos, num passado nem tão distante, tinha uma justificativa. Entre 2018 e 2019, a crise econômica deu parcos sinais de arrefecimento. O grupo dos desempregados ainda girava em torno dos 12 milhões de pessoas¹³, números médios ostentados até hoje, em maio de 2020, com projeções de aumento significativo em função dos reflexos da pandemia. Restou, portanto, como estratégia discursiva e política, recordar um período próspero econômica e socialmente e colar a imagem de Lula a essas lembranças, perfazendo o que citamos acima nos tópicos 5 e 7. A conexão era deveras simples: nos últimos 20 anos, o período de maior crescimento econômico do país e de avanços sociais significativos se deu exatamente nos governos Lula. Neste sentido, publicações remontavam à criação do Bolsa Família, por exemplo. Como apresenta a Figura 1, em 9 de janeiro de 2019, no aniversário de 15 anos do programa, suas redes relembrou a famosa frase: “Se, ao

final do meu mandato todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida”.

Apenas quatro dias depois, novo *post* rememorou o dia em que o Programa Universidade para Todos (ProUni) foi oficialmente criado. “Vocês vão perceber do que o ser humano é capaz quando é dada a ele uma oportunidade”, disse Lula em 13 de janeiro de 2005 e, novamente nas redes, 14 anos depois¹⁴. É neste aspecto o quinto entre os listados acima, aliado novamente ao sétimo, que identificamos uma base sólida para a manutenção do populismo de Lula a partir de fatos do seu governo e da construção da sua *persona* galgada em elementos de simplicidade e aproximação com o “povo” (Laclau, 2006; Gerbaudo, 2017). São elementos que se colocam como base do sólido populismo que visualizamos no lulismo. O que não quer dizer que são estanques, únicos ou mais relevantes que outros, apenas que foram, a

partir de nossa base de dados e recorte feito para nossa análise, os mais identificados. Reintroduzir os mais pobres novamente no lulismo se colocava e se coloca como tarefa essencial para a sobrevivência de sua ideologia. Para Singer (2018, p. 18), a “categoria pobres, que diz respeito ao pouco acesso a bens de que dispõem, precisará ser mobilizada, pois é fundamental para a compreensão do despedaçamento do lulismo”.

Durante os 580 dias de cárcere, pode-se dizer que a comunicação de Lula adaptou os recursos e estratégias digitais em favor da manutenção do seu populismo, ou seja, é identificado, conforme Moffitt (2016), uma adaptação das lógicas comunicacionais à prática populista em si. Não se trata de buscar uma uniformização do que caracteriza o populismo, dado que os elementos são díspares, tampouco de lançar julgamentos reducionistas que antagonizem as práticas adotadas por diferentes atores políticos em distintos contextos, mas sim de sinalizar que a sustentação de uma figura populista, como é o caso de Lula, carece da comunicação sistemática e da reafirmação constante da sua ideologia, feitos e propostas. Quando citamos o

13 Em 2018, a taxa média de desemprego no Brasil foi de 12,3%.

14 Publicação da história de um médico formado através do ProUni. Disponível em: <<https://twitter.com/LulaOficial/status/1177375454627598336?s=20>>. Acesso em: 2 mai. 2020.

Figura 3. Print de tweet do perfil @LulaOficial, 2019, no Twitter.

Figura 4. Print de tweet do perfil @LulaOficial, 2019, no Twitter.



*Reintroduzir
os mais pobres
novamente no
lulismo se colocava
e se coloca como
tarefa essencial
para a sobrevivência
de sua ideologia*

elemento da aproximação do ex-presidente a fatos cotidianos de pessoas mais comuns, de classes economicamente mais baixas, nos referimos, por exemplo, na figura 2, a um #tbt¹⁵ de sua *sarrada* com jovens do Nordeste na Caravana Lula, em 2017, ao ex-presidente fazendo musculação, a ele sentado em uma moto, como se estivesse acelerando, com a legenda “#tbt de um presidente que sabe pilotar o Brasil”¹⁶, entre diversas publicações outras identificadas, principalmente, no seu *Instagram*, que aludem a um líder que adota hábitos semelhantes aos daqueles que se propõe a representar. Essas publicações estão entre as de maior engajamento nas redes do ex-presidente, com mais curtidas e comentários.

Elemento importante de qualquer tensionamento sobre o populismo e suas práticas é referir que figuras

15 #tbt significa throwback thursday, movimento mundial que ocorre no Instagram quando fotos antigas são publicadas nas quintas-feiras.

16 Lula simula que está pilotando uma moto e faz referência a pilotar o Brasil. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Bx01CnzBGR0/>>. Acesso em: 2 de maio de 2020.

populistas e ameaças democráticas não estão ligadas de maneira simbiótica. Conforme sinaliza Laclau (2006), “a categoria do populismo não implica, necessariamente, uma avaliação pejorativa, o que não significa, desde logo, que todo populismo seja, por definição, bom.” Tomando o entendimento de Mounk (2019) para qualificar um ator populista autoritário, não conseguimos identificar, durante o período da prisão de Lula e com base estritamente em suas publicações no *Twitter* e *Instagram*, um político com aspirações antidemocráticas. Alguns elementos, porém, são identificados não necessariamente na figura de Lula, mas no seu endosso, via redes digitais, de discursos que rogavam para si a exclusividade de se colocarem como bastiões democráticos, antagonizando com entendimentos contrários que não aderiram, principalmente, ao discurso de que a prisão do ex-presidente foi antidemocrática. Isso aparece em publicações constantes, partindo basicamente de outros atores políticos que, através das redes de Lula na internet, davam ao discurso lulista um tom mais radical. Mounk (2019, p. 71) enxerga esse aspecto

como basilar da ascensão do populismo, entre vários outros. Para ele, não se pode compreender esse crescimento populista “sem tentar destrinchar os modos como arroga para si o manto da democracia”. Veríamos aqui traços do estabelecimento de um “nós” *versus* “eles” (Mouffe, 2019).

No entanto, quando Lula começou a conceder entrevistas à imprensa, a partir de 27 de abril de 2019, ainda na sede da Polícia Federal, em Curitiba, trechos dos vídeos serviram para realimentar o discurso lulista a partir do próprio Lula nas suas redes. O ex-presidente falando de dentro da prisão funcionou como um termômetro para a massa lulista das ruas e das redes. Em suas falas à imprensa, todas elas registradas em vídeos, Lula não amenizava o tom ao se referir, por exemplo, à Rede Globo, a Sérgio Moro, a Deltan Dallagnol e a outros procuradores da Força Tarefa da Lava-Jato, a delegados da Polícia Federal e a desembargadores do Tribunal Regional Federal da 4ª Região¹⁷. Neste ponto, as críticas não

se davam sobre as instituições Judiciário, Ministério Público ou Polícia Federal, não se construía com o objetivo de minar esses organismos da esfera pública e da organização da federação, mas, sim, de atingir figuras facilmente identificadas e ligadas aos seus próprios processos na justiça – caracterizando assim um processo de enfrentamento (Mouffe, 2019), como se pode visualizar na figura 4.

Os vídeos dessas entrevistas, concedidas às mídias brasileiras e internacionais, tradicionais ou alternativas, representaram uma guinada mais radical na comunicação do ex-presidente ainda durante a sua prisão. Outros elementos populistas puderam ser identificados nos compartilhamentos, feitos, obviamente, por sua assessoria. Um deles remete às soluções simplificadas de problemas que estavam postos no debate político nacional. Isso é visto por Mounk (2009) como um elemento significativo da formação populista, dado que a superficialidade, por

vezes localizada no discurso lulista, se coloca como coração do apelo populista.

Os eleitores não gostam de pensar que o mundo é complicado. Sem dúvida não gostam de escutar que não há resposta imediata para seus problemas. Diante de políticos que parecem cada vez menos capazes de governar um mundo cada vez mais complexo, muitos estão propensos cada vez mais a votar em quem promete soluções simples. (Mounk, 2019, p. 51)

Ancorado em uma situação econômica distinta da atual, numa comparação com o período em que esteve na presidência, Lula externalizava, por suas redes, entendimentos simplórios que, se praticados, poderiam dar outro rumo, na sua visão, a problemas enfrentados pelo país na atualidade. Isso ficava claro quando as mídias publicavam matérias abordando essas questões e que o governo Bolsonaro estivesse no centro. A repercussão de Lula, nas redes, serviria, então, para atingir dois pontos: fundamentar sua oposição a Bolsonaro e mostrar aos

17 Lula critica Moro, Dallagnol e a TV Globo. Disponível em: <<https://twitter.com/LulaOficial/status/1182646466592038912?s=20>>. Acesso em: 2 de mai. 2020.

status/1182646466592038912?s=20>. Acesso em: 2 de mai. 2020.

seguidores e ao povo que ele, Lula, tinha soluções para os problemas da nação, como se percebe na figura 5. Aqui há mescla do enfrentamento com seus adversários, na possibilidade de sua candidatura à presidência e 2018, com outra característica, a de que, ao lembrar fatos e feitos dos seus governos, poderiam convencer a população de que aquilo poderia acontecer novamente.

Neste aspecto, fica evidenciado um aceno de Lula às bases que Singer (2009, 2018) identificou como sendo as grandes formadoras do lulismo e que passaram a formar o alicerce do seu populismo: a massa de pobres desorganizada. Analisando-se somente as ações concretas do primeiro mandato do ex-presidente (2003-2006), Singer, que, à época, era Secretário de Imprensa da presidência, aponta que o conjunto de iniciativas do Governo Federal corrobora para traçar uma “direção política para os anseios de certa fração de classe”.

O período pré-eleições de 2018 e os 66 dias de campanha, somando primeiro e segundo turnos, foram os de maior intensificação das publicações,

seguidos pela Vaza Jato¹⁸, em junho e julho de 2019. *Posts* tratando das mortes do seu irmão Vavá, em 29 de janeiro de 2019, e de seu neto Gabriel, em 1 de março do mesmo ano, também marcaram as suas redes.

Considerações finais

Diante de nosso esforço de analisar como o discurso populista de Lula foi articulado nas redes, durante o período de sua prisão, para que as características de sua imagem não fossem enfraquecidas diante de um momento em que o ex-presidente se encontrava preso, entendemos, nos apoiando especificamente no ator populista, performado por Lula, que esta presença no *Twitter* e no *Instagram* se deu através de conteúdos ora lembrando ações dos seus governos, ora apresentando possíveis soluções para o país diante do quadro atual.

Segundo o que concluímos, o discurso populista ecoou nas redes

¹⁸ Publicações de mensagens, a partir de junho de 2019, inicialmente pelo site The Intercept Brasil, contendo diálogos entre pessoas ligadas diretamente à Operação Lava Jato, como o juiz Sérgio Moro e os procuradores da Força Tarefa.

de Lula durante os 580 dias em que ele esteve preso, apoiando-se em pautas diversas. Destacamos, porém, que isso ocorreu sem flerte direto identificado com pautas autoritárias ou aspirações outras que não o que de executar uma política econômica e social de acordo com a sua visão. Contudo, uma guinada mais radical é percebida a partir de 27 de abril de 2019, quando o ex-presidente passou a conceder entrevistas à imprensa brasileira e estrangeira e os vídeos dessas entrevistas inundaram suas redes com um discurso menos conciliador e estabelecendo um claro antagonismo, por exemplo, com o presidente Jair Bolsonaro e a política econômica adotada pelo governo através do ministro da Economia, Paulo Guedes.

Esse discurso de oposição foi possível em função das pautas sociais, de costumes e econômicas dos governos de Lula, executadas em uma linha distinta, na maioria delas, das atuais, de Bolsonaro, ainda que o 1% mais rico da população brasileira tenha aumentado sua participação na renda nacional durante os governos do PT e que a pauta de costumes não

tenha representado tantos avanços. A mescla de características populistas de enfrentamento com um possível antagonista, bem como a manutenção de características da figura de um líder carismático foram enaltecidas nos conteúdos que compuseram os perfis de Lula no *Twitter* e no *Instagram* neste período. O lulismo despontou em momentos estratégicos, principalmente na tentativa de reordenar a base que outrora deu vitórias ao PT. Conforme identifica Singer (2018, p. 31), “as camadas populares não se mexeram para defender o lulismo - resultado lógico da despolitização e desmobilização a que foram submetidas”, aqui, com maior foco a partir de 2013, quando o pesquisador identifica o início da derrocada do projeto petista, até então tendo o lulismo como uma grande força.

A título de conclusão, compreendemos que a estratégia adotada pela assessoria de Lula durante a sua prisão permitiu que o discurso populista do ex-presidente continuasse sendo transmitido à sociedade através dos seus perfis nos sites de redes sociais, mantendo a figura de Lula viva no imaginário social, até mesmo com ares de viabilidade política durante

os encaminhamentos para as eleições de 2018¹⁹. Ainda que, conforme ressaltamos, as pautas fossem diversas e uma ampla gama de assuntos abordados, o viés populista de seu discurso não sucumbiu ao cárcere, tendo sua atuação no *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* papel central nessa manutenção.

Referências

- Anderson, P. (março de 2011). Lula's Brazil. *London Review of Books*, 33(7). Consultado a 2 de agosto de 2020, em <https://www.lrb.co.uk/the-paper/v33/n07/perry-anderson/lula-s-brazil>
- Benetti, M. (2007) Análise do Discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In C. Lago & M. Benetti (orgs.), *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*, vol I, 1ªed. (pp.107-122) .Petrópolis: Vozes.
- Benetti, M. (2016). Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. In C. P. Moura & M. I. V. Lopes (eds.), *Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EdiPUCRS.
- Carvalho, F. C., & Cervi, E. U. (2018). Mais populismo, menos representatividade: monitoramento e lógica populista da comunicação política em redes sociais online. *Revista Estudos Políticos*, 9(1), 86-103. Consultado a 2 de maio de 2020, em https://periodicos.ufrb.br/revista_estudos_politicos/article/view/39852/22937
- Cesarino, L. (2020). *Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil*. *Internet & Sociedade*. 1(1), 91-120. Consultado a 1 de agosto de 2020, em <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleic%C3%A7%C3%A3o-sem-sair-de-casa.pdf> .
- Gerbaudo, P. (2017). Del ciber-autonomismo al ciber-populismo: una historia de la ideología del activismo digital. *En Defensa del Software*

¹⁹ Pesquisas de intenção de voto em julho e agosto de 2018 indicavam Lula na liderança. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-lula-39-bolsonaro-19-marina-8-aleckmin-6-ciro-5.ghtml>>. Acesso: 13 ago. 2020.

- Libre*. Consultado a 1 de agosto de 2020, em https://endefensadelsl.org/ciber_autonomismo-binder.pdf
- Hermet, G. (2003). El populismo como concepto. *Revista de Ciência Política*, 23(1), 5-18. Consultado a 1 de maio de 2020, de <https://www.redalyc.org/pdf/324/32423101.pdf> Maio 2020
- Laclau, E. (2006). La deriva populista y la centroizquierda latinoamericana. *Revista de la Cepal*, 205, 56-61. Consultado a 1 de maio de 2020, em https://nuso.org/media/articles/downloads/3381_1.pdf
- Mouffe, C. (2019). *Por um populismo de esquerda*. São Paulo, SP: Autonomia Literária.
- Mouk, Y. (2019). *O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Marques, R. M., & Mendes, A. (2006). O social no Governo Lula: a construção de um novo populismo em tempos de aplicação de uma agenda neoliberal. *Revista de Economia Política*, 26(1), 58-74. <https://doi.org/10.1590/S0101-31572006000100004>
- Moffitt, B. (2016). *The global rise of populism. Performance, political style, and representation*. Stanford, California: Stanford University Press.
- Mudde, C. (2019). *The far right today*. Polity Press.
- Oliveira, F. M., & Henn, R. (2014). Movimentos em rede e ocupação do espaço público: limites e possibilidades ante a crise do jornalismo. *Contemporânea*, 12(1), 39-54. <http://dx.doi.org/10.9771/1809-9386contemporanea.v12i1.9807>
- Orlandi, E. (2001). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Paraizo, M. A. C. (2016). *Populismo e o projeto de desenvolvimento do governo Lula*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Brasil, SP, Brasil.
- Piketty T. (2020). *O paradoxo do PT: A politização inacabada da desigualdade no Brasil*. Trecho da obra O Capital e a Ideologia publicado na Revista Piauí, Rio de Janeiro, ed.166, p. 30,33, julho/2020.
- Puhle, H.J. (s/d). Populism and Democracy in the 21st Century. Presentation in Scripts Cluster of Excellence. *Contestations of the Liberal Script*. Consultado a 1 de agosto de 2020, em https://www.scripts-berlin.eu/publications/Publications-PDF/SCRIPTS_Working_Paper_02_Web.pdf
- Rennó, L.; Cabello, A. (2010). As Bases do lulismo: A volta do personalismo, realinhamento ideológico ou não alinhamento? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 25(74), 39-60. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000300003>.
- Singer, A. (2018). *O lulismo em crise: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Singer, A. (2009). Raízes sociais e ideológicas do lulismo. *Novos estudos - CEBRAP*, 85, 83-102, São Paulo. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002009000300004>.
- Zago, G. (2014). *Circulação e recirculação de narrativas do acontecimento no jornalismo em rede : a Copa do Mundo de 2014 no Twitter*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Consultado a 5 de agosto de 2020, em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/109008>

